

## Joana, *a Louca*

Rainha Joana I de Espanha

**Uma história de amor obsessivo e paixão incontrolável...  
e de traição cruel e cínica.**

A rainha Joana era filha de Fernando e Isabel e irmã de Catarina de Aragão. Foi fundamental na criação das poderosas casas de Habsburgo de Espanha e da Áustria, que perdurariam durante séculos.

Ao longo da sua vida, Joana viu ser-lhe cruelmente negado o acesso ao poder pela parte de três homens: o seu marido, Filipe, o pai, Fernando, e o filho, Carlos.

Enfrentou a crueldade implacável de todos, tanto física como mental, com coragem e determinação, e a sua resistência incansável mereceu-lhe o injusto cognome pelo qual é recordada: Joana, *a Louca*.

## ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A história de Joana decorre entre 1496 e 1555, sobretudo em Espanha, mas também nos Países Baixos e brevemente em França e em Inglaterra.

Passa-se no período em que o rei Fernando de Aragão e a rainha Isabel de Castela, os Reis Católicos, tentam fortalecer o recém-formado reino de Espanha. Com este objectivo em mente, tentam proteger o seu país de ameaças externas e estender a sua influência ao estrangeiro por meio de casamentos reais estratégicos, celebrados nas pessoas dos seus filhos. O mais conhecido da história inglesa foi o da filha Catarina de Aragão com Henrique VIII. As mortes inesperadas dos filhos mais velhos dos reis teve como consequência o facto de Joana, a menos adequada a um casamento político e à sucessão ao trono, se ver obrigada a carregar ambos esses fardos.

Os factos históricos foram fielmente respeitados, com ligeiras excepções destinadas a realçar e a simplificar a história. Os diálogos e os pensamentos, assim como algumas acções das personagens, são na sua maioria produto da minha imaginação, intuição e visão, mas seguem sempre de perto os factos conhecidos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço muito a todos os que, através do seu apoio em Espanha, tornaram possível este livro.

Tenho de agradecer em especial à Biblioteca Nacional e à Ópera de Madrid pelo acesso às suas magníficas biblioteca e arquivos.

Também em Madrid, agradeço a todos os meus amigos, mas em especial a António García, Miguel Ruiz-Borrego y Arabal e Josep M. Sanmartí, pelo seu encorajamento e ajuda ao longo dos anos.

Os meus agradecimentos vão igualmente para a British Library e a Biblioteca do Condado de Durham, por todo o seu apoio.

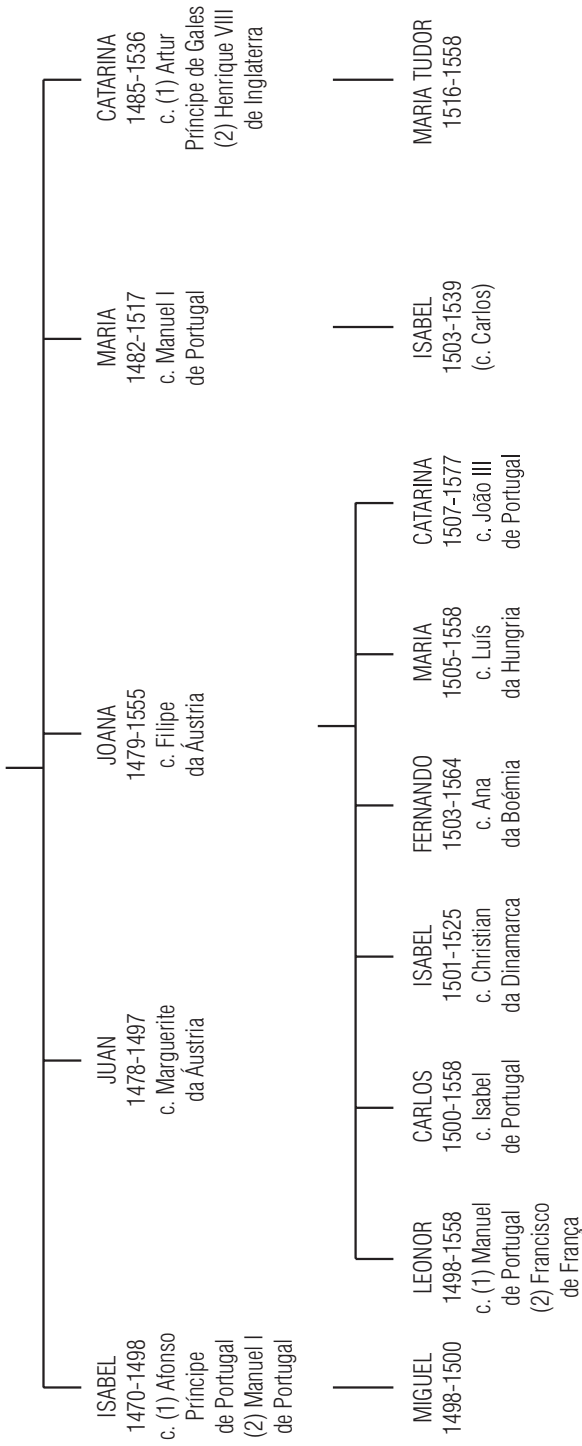
Agradeço à minha editora Elspeth Sinclair, pelas suas inúmeras correcções e sugestões.

Um obrigada especial à nossa querida amiga Lucía Alvarez, de Toledo, pois sem a sua ajuda e apoio iniciais talvez este livro não tivesse sido concluído.

E, por fim, agradeço ao meu querido marido, Charles. Percorreu um número infundável de igrejas, palácios, castelos e museus em toda a Espanha, sentou-se a meu lado dias inteiros em bibliotecas e leu criticamente todos os rascunhos do manuscrito, nunca deixando de ser infinitamente paciente.

# ÁRVORE GENEALÓGICA

ISABEL = FERNANDO





**A PENÍNSULA IBÉRICA**  
**NO TEMPO DE**  
**FERNANDO E ISABEL**



«Filipe, Arquiduque da Áustria por graça de Deus,  
Duque da Borgonha, Brabant... Limburgo, Luxemburgo,  
Gueldres, Conde da Flandres... Artois e...»

*Parte I*  
*Casamento*

## CAPÍTULO 1

A cabeça de Joana era uma amálgama de esperança e de medo, próprios de uma jovem que ainda não fizera dezasseis anos. O aperto que sentia na garganta quase a impedia de respirar.

Saiu dos seus aposentos e apressou-se ao longo da galeria do primeiro andar, seguida pelas aias e pela escrava Zayda. Os seus pensamentos estavam concentrados na Sala do Conselho e mal reparou nos cortesãos e nos guardas, que trocavam olhares e abanavam a cabeça, compreensivos. O agradável perfume da lavanda, o seu preferido, que se erguia do soalho de carvalho e dos pesados baús, recentemente encerados, não a cativou.

Sabia por que motivo a rainha sua mãe a mandara chamar. É claro que sabia. Desde a assinatura do contrato, havia ainda pouco tempo que ansiava e receava simultaneamente a chegada daquele momento, ainda na esperança vã de que não se concretizasse nos anos mais próximos.

Todavia, naquela fria manhã de Janeiro de 1496, uma data que iria certamente ficar gravada para sempre no seu coração, fora convocada para uma audiência formal. Não havia dúvidas quanto ao seu propósito: não podia ser mais nada senão informá-la de que se haviam concluído as negociações do casamento e de que se marcara a data da sua partida.

Uma pressão dolorosa esmagava-lhe o peito. Era como se tivesse recebido uma sentença de morte que desfizera os sonhos maravilhosos que alimentara, sonhos sobre um príncipe triste e infeliz que recuperaria a felicidade perante a visão do seu belo rosto.

— Zayda, vou ser exilada de Espanha... banida. — As palavras saíam-lhe estranguladas por entre arquejos. — Como poderei viver num país tão longínquo? A viagem de barco é tão longa e perigosa!



Sei que me vão separar de tudo o que amo. Nunca mais verei a minha família, tenho a certeza. Ficarei perdida, esquecida para sempre.

Deteve-se na esquina, onde a escadaria se erguia do pátio, lá em baixo, e inspirou o ar invernoso e gelado que subia furtivamente. Nervosa, sacudiu a saia de veludo verde com dedos agitados.

Zayda envolveu-lhe as mãos para as acalmar.

— Coragem, minha Senhora, coragem — pediu à sua bela menina.

É que Joana era bela em todos os sentidos: fisicamente, na graciosidade dos seus movimentos, na musicalidade da voz. Era de altura mediana, magra e muito bem proporcionada. Grossas tranças de um cobre dourado coroavam-lhe o rosto oval, mas, naquele momento, as lágrimas ameaçavam saltar-lhe dos olhos cor de avelã, sempre prontos a cintilar de inteligência, alegria, calor e amor. Os lábios, acostumados a sorrir e a rir, apertavam-se de medo.

As aias esperavam a uma curta distância.

— Que devo fazer? — perguntava-lhes Joana. — Estou tão assustada. Podeis prometer-me que serei feliz na Flandres e, se sim, por quanto tempo? E, se não, que será de mim?

— Minha Senhora, ninguém pode saber. Temos de confiar em Deus.

— Espero que Ele tenha piedade de mim. A minha irmã Isabel diz que se quer retirar para um convento. Achais que devo dizer à minha mãe que tenciono igualmente ser freira? Impossível! Essa vida não é para mim. Digo as minhas orações, vou à confissão e à missa, e é mais do que suficiente.

Exclamações chocadas das aias interromperam-na.

— Só disse isso pelo facto de a Flandres ser tão longe. Se estivésseis no meu lugar, diríeis exactamente o mesmo! Mas como me atrevo a demorar-me aqui? Os meus pais tratarão logo de me acusar de relutância e desobediência.

Joana ergueu as pesadas saias do traje, fez uma vénia, benzeu-se apressadamente defronte do tríptico anichado na esquina e dirigiu-se à Sala do Conselho para ser informada do seu destino, seguida pelas aias, que se detiveram brevemente para também se benzerem.

Sabia há já um ano da proposta de união e das diversas negociações que rodeavam o seu casamento com o arquiduque Filipe, filho do sacro imperador romano. Ingénua, pensara que se passariam vários anos antes da realização do casamento, mas em breve se tornou evidente que não seria assim. Durante todo o ano haviam tido lugar constantes idas e vindas de embaixadores e o casamento por procuração, no início do mês, e a sua assinatura, declarando-a ligada a todas as cláusulas do contrato

de casamento, gritavam a iminência da partida. Seguiu-se, então, uma série de rumores sobre a preparação de uma frota especial no Norte.

Joana parara defronte das portas da Sala do Conselho. O que a esperaria do outro lado? Sabia apenas que não tinha escolha, que não havia alternativa.

As aias atarefaram-se a prender-lhe madeixas que se haviam soltado dos cabelos castanho-dourados, enfiando-as sob a fita verde que lhe cruzava o cimo da cabeça e verificando o estado da trança enrolada que lhe caía pelas costas até à cintura. Dobraram também as largas mangas a fim de expor o forro de cetim vermelho e alisaram-lhe as pregas das saias.

Zayda sorriu.

— Os meus pensamentos acompanham-vos para vos dar força, mesmo que não esteja a vosso lado.

Joana sobressaltou-se quando as portas se abriram. Chegara o momento. Soltando pequenos soluços de dor, forçou-se a entrar na sala, dando os primeiros passos de um futuro desconcertante.

O salão resplandecia de vermelhos, brancos e dourados, desde as paredes até às cornijas e à talha pintada no tecto. Ricas tapeçarias realçavam o esplendor. A todo o comprimento da Sala do Conselho perfilavam-se os nobres, os prelados e os embaixadores. Estava presente quase toda a corte.

Joana ficou profundamente intimidada, detendo-se após alguns passos, pois as suas pernas recusavam-se a mover-se.

Ao fundo daquela esplêndida reunião de testemunhas e convidados, a rainha Isabel e o rei Fernando sentavam-se nos seus tronos, sob um dossel de veludo vermelho com o escudo de Espanha, cujo brasão declarava orgulhosamente o poder da união das duas casas reais. Em vez dos trajes simples de todos os dias, que preferiam, os monarcas envergavam brocados dourados, cetins vermelhos e sedas.

Joana lançou um olhar nervoso na sua direcção antes de baixar a cabeça, ansiosa por evitar tantos olhares inquisidores. Enquanto observava os ladrilhos do chão, tudo se tornou subitamente claro. Tratava-se de uma reunião de despedida. Amou, manifestando em silêncio o desapontamento pelo facto de aquilo não se poder comparar com as extravagantes exibições de torneios e banquetes organizados para a irmã. Era tão injusto! Seria bem mais fácil perder-se no seio de uma multidão de folgazões do que estar ali, sozinha, perante o escrutínio de tanta gente.

A rainha Isabel percorreu a sala com o olhar e pensou quanto tempo a filha tencionaria permanecer ali com aquele seu ar desolado. O facto de Joana se sentir intimidada com a situação começava a aborrecê-la. Era lamentável que a filha ainda não tivesse desenvolvido um porte real, deixando-se assustar com tanta facilidade. Aquela jovem de cabeça curvada e dedos que mexiam, nervosos, na faixa, não era certamente a mesma que a desafiava, teimosa, a filha voluntariosa que se vira forçada a repreender ainda recentemente.

Porém, a falta de dignidade de Joana não era a única preocupação de Isabel. Havia a sua tendência crescente para se isolar (assustadoramente semelhante à da avó, e que contribuiu para o seu estado de confusão mental). Tinha esperança de que não passasse de mais um sintoma da fase rebelde tão própria de jovens da sua idade.

Joana ergueu por fim a cabeça. Fez uma vénia aos pais e deu início ao longo caminho que levava aos tronos. Pelo canto do olho, viu alguns amigos, incluindo o seu preferido, o professor de latim. Os seus sorrisos calorosos encorajaram-na e manteve a cabeça erguida até avistar Cisneros, ao lado da mãe. Era o recém-nomeado arcebispo de Toledo e primado de toda a Espanha. Joana tinha um medo terrível dele. Era muito mais que o chefe da Igreja, era um homem poderoso, dono de um intelecto penetrante e de um zelo incansável em questões de fé. Aquele padre era capaz de influenciar, persuadir e guiar a rainha, ousando mesmo dirigir-se-lhe como igual. De espantar, o facto de a rainha não se ofender com a sua audácia, o que revelava bem o seu poder e fazia Joana tremer ainda antes de encarar o longo rosto cadavérico e os olhos encovados. Estava bem ciente de que Cisneros lhe sondara profundamente a alma e a achara indigna.

Os seus lábios começaram a tremer. Ajoelhou-se rapidamente aos pés dos pais, baixando a cabeça, não fosse alguém testemunhar os olhos cheios de lágrimas. Apertou o medalhão da Virgem, adornado de jóias, um presente da mãe, que pendia junto do peito ansioso.

Isabel e Fernando levantaram-se e desceram juntos os três degraus, a fim de a cumprimentarem. Andavam ambos na casa dos quarenta. Vários anos de uma luta sem tréguas para forjar uma nova nação haviam tido um preço alto, especialmente para Isabel, que suportara também o fardo de seis partos. Deixara de ser a jovem alta, magra e elegante que encantara Fernando. A sua pele clara mostrava-se agora macilenta, o rosto longo com o seu queixo firme inchado e amolecera. As tranças castanhas haviam perdido o brilho e a rainha cobria-as agora com um véu fino. Uma pequena coroa repousava no topo em honra da audiência.

Fernando tivera mais sorte. O rosto, bronzeado e curtido pelo tempo passado nos campos de batalha, era ainda forte e belo, e o hábito de montar a cavalo e caçar ajudara-o a manter o corpo firme e musculado.

Pegaram ambos nas mãos de Joana para a ajudarem a subir. A jovem viu os sorrisos e ficou convencida de que se deviam à satisfação de terem completado satisfatoriamente os acordos matrimoniais dela própria e do seu irmão João. Os laços entre o Sacro Império Romano e Espanha haviam sido duplamente reforçados com este duplo matrimônio, apertando o cerco em volta do inimigo, a França, e contrariando as suas ambições expansionistas.

Joana casaria com Filipe e o irmão desposaria a irmã daquele, Margarida. Com os tratados conseguidos com estes dois casamentos e outros em boas vias de concretização com Inglaterra (dependentes, porém, do casamento de outra filha, Catarina, com o filho de Henrique VII), a França ficaria completamente cercada.

O rei Fernando declarou:

— Querida filha, completámos todas as disposições relativas ao vosso casamento e a espera e a incerteza chegaram ao fim. Casar-vos-eis em Outubro, tornando-vos esposa de Filipe, arquiduque da Áustria, duque de Borgonha, conde de...

Joana precisou de todas as suas forças para não lhe gritar que sabia tudo aquilo, que pouco lhe interessava. O que desejava saber, embora o receasse, era a data da partida. As palavras de uma canção ressoavam-lhe nos ouvidos, como que escarnecendo dela:

*Dizem-me que devo casar,  
Mas não quero um marido, não.*

Palmas cortesias enchendo o salão e a voz da rainha Isabel, que parecia chegar de muito longe, interromperam-lhe os pensamentos.

— Deveis partir para a Flandres em Julho.

Joana entrou em pânico. Não podia ser em Julho, era demasiado cedo!

— Será uma aventura para vós e chegará demasiado depressa. Temos de escolher criados fiéis para vos acompanhar. Temos também de decidir que padres são os mais indicados para a vossa confissão e apoio espiritual.

Iria partir daí a poucos meses, na companhia de criados e padres escolhidos pela mãe, que ignoraria as suas preferências. Lágrimas escal-

dantes começaram a arder-lhe nos olhos. Pensou em fugir e em esconder-se algures, ou mesmo implorar piedade aos pais, pedir-lhes que a deixassem ficar em casa, no seio da família.

As palavras saíram-lhe por fim, salvando-a daquele embaraço.

— Vossa Alteza Real, farei o meu melhor para vos agradecer, para ser digna... — Sufocava, o corpo sacudido pelo desespero.

A atenção do público centrou-se de súbito nas portas, que se abriram perante um jovem de dezassete anos. Era João, pálido e de aspecto doentio, que durante toda a infância necessitara da presença constante dos médicos. Era o membro especial da família, o mais querido de Isabel. Seria por se tratar do único filho que Deus lhe dera? Ou porque, em criança, a sua ligação à vida se mostrara tão ténue? Ou dever-se-ia à sua determinação em ultrapassar as fraquezas? Talvez fossem as suas palavras e actos bondosos ou uma combinação de tudo isso. Fosse qual fosse a razão, Isabel via-o como o seu anjo e tratava-o por esse nome.

Joana observou o irmão magro e louro caminhar lentamente em direcção ao estrado, disfarçando o seu coxear com o longo manto de veludo vermelho e um passo estudado. Adorava-o e desejava ser como ele, que descobria prazer em tudo o que o rodeava e fazia amizade com todos. Procurava sempre agradar e mostrava-se constantemente alegre.

Isabel e Fernando, diplomatas treinados, hábeis em esconder as emoções, não conseguiram disfarçar a alegria em ver o filho.

— Vossas Maj-jestades. — João ajoelhou nas almofadas colocadas aos pés dos reis. Depois ergueu-se e beijou primeiro a mão da mãe, seguindo-se a do pai.

— Querido filho, nosso amado príncipe, temos boas notícias. A arquiduquesa da Áustria chegará na segunda metade deste ano. Viajará com a armada que regressa depois de acompanhar a vossa irmã ao seu novo lar.

João ficou deliciado e os olhos cintilaram-lhe. Anuiu com um gesto de cabeça e olhou em seu redor como que a convidar a corte a partilhar a sua felicidade.

— S-senhores e S-senhoras, não é mar-ravilhoso? Já não falta muito para termos connosco a minha esposa Margarida. Que af-fortunados somos por ganhar um tal prémio.

O público curvou-se. Poucos o haviam compreendido, pois as palavras que saíam da sua boca retorcida e marcada eram praticamente ininteligíveis e a maior parte das pessoas não conseguia entender os seus murmúrios.

Fernando fez um gesto de cabeça e as trompetas anunciaram a procissão de porta-estandartes que tomaram os seus lugares de ambos os lados dos dois tronos e nos degraus do estrado. Via-se primeiro o de Isabel, com cinco setas douradas atadas em fundo verde, seguido pelos jugos dourados sobre fundo negro de Fernando. Seguiam-se os cavaleiros-chefes das três ordens militares, trajando capas brancas e transportando insígnias com as suas cruces. Por fim, o brasão real, dividido em quatro partes que representavam Castela, Leão, Aragão e a Sicília, às quais se havia acrescentado a romã estilizada de Granada, recentemente reconquistada.

Fez-se uma pausa e logo, acompanhados da música dos saltérios e alaúdes dos jograis, os cortesãos desfilarão perante a família real para o beija-mão, felicitando-os e despedindo-se de Joana. Em seguida, observaram cópias dos acordos de casamento, escritos em latim e em francês, com os nomes dos noivos a ouro. Numa orla de folhas entrelaçadas lia-se: *Et qui quispiam praevalent contra unum, duo resistant ei...* (Se um não prevalecer, dois conseguirão resistir-lhe...)

A cerimónia terminara e a maior parte da corte fora dispensada. Afinal, não fora aterrador e Joana até acabara por gostar.

Com um braço sobre os ombros do filho, Fernando levou João até à lareira, onde crepitava um fogo acolhedor. Ficaram aí juntos a falar e a rir tão à vontade um com o outro que o crepitar vivo dos troncos parecia realçar a sua boa disposição.

Joana ficou a olhar até a mãe a chamar com um gesto.

— Vinde, minha filha, sentemo-nos aqui por uns momentos.

— Isabel baixou-se, sentando-se num divã, e Joana dispôs alguns almofadões em redor dela, um ou dois feitos pela própria rainha em momentos de lazer.

— Contai-me, minha mãe, contai-me tudo que sabeis sobre Filipe. Tendes mais notícias. Recordai-me o seu aspecto. Dizei-me, irá gostar de mim? Sou suficientemente bonita para ela?

— Devagar, devagar, Joana, são muitas perguntas ao mesmo tempo. Sentai-vos e já falaremos. — Isabel esperou que a filha estivesse confortavelmente instalada a seus pés. — Como já sabeis, Filipe é alto, de belas feições, tem olhos azuis e as suas feições granjearam-lhe o cognome de *Philippe, le Beau*, Filipe, o Belo. Tendes a sua miniatura, que diz tudo.

— Oh, sim. — Joana fechou os olhos, embalando-se suavemente. Ia casar-se com um príncipe chamado Filipe, o Belo, apenas um ano

mais velho, alto e bonito. Como desejava estar com ele imediatamente. Viu-se num vestido de bela seda branca, com um manto verde-escuro. Corria, trazendo nos pés chinelas prateadas, sobre prados tocados pela geada e transportando ofertas de rosas e limões e uma pequena gaiola de aves canoras. Ele virava-se para a acolher de braços estendidos.

«Contai-me mais. Que faz ele? De que gosta? Em que é que é bom?»

Isabel deteve-se. As histórias e os rumores da Flandres sobre os namoros do jovem voltaram a preocupá-la em nome da sua jovem filha.

— Acho que podemos dizer que Filipe goza a vida no seu todo. Adora caçar, dançar e todos os desportos. Mostra grande talento no jogo da pelota. Também aprecia serões de convívio na companhia dos seus inúmeros amigos. — Omitiu o facto de ele ser um jovem arrogante e detestável com um feitio irascível, facilmente despertado.

— Mãe, como deve ser maravilhoso ser alguém tão excepcional, tão popular. E pensar que vai ser meu, todo meu. Danço com graciosidade, tenho uma boa voz, toco bem vários instrumentos, ou assim me dizem os professores. Mas serei suficientemente bonita? Um homem assim tem de ter uma esposa bela. Sou bonita, mãe?

Isabel ficou alarmada. Não teria Joana ainda compreendido a verdadeira natureza dos casamentos reais? Como era possível, depois de todas as discussões? Preocupava-a ver a mente da sua inocente filha de dezasseis anos ainda cheia de ideias românticas idiotas. O resultado, sem dúvida, de andar com o nariz sempre enterrado em livros.

Todavia, todas as apreensões sobre aquela união tinham de ser postas de lado. O filho, como herdeiro de toda a Espanha e seus domínios, era fundamental para as negociações. Porém, para dizer a verdade, por mais dolorosa que fosse, a sua saúde não era boa. A segurança da Espanha tinha de ser mantida e o seu poder aumentado. Portanto, era vital que o contrato com o imperador Maximiliano se referisse aos dois casamentos, não fosse o de João não dar em nada. O casamento com a sua filha mais velha, Isabel, fora recusado. Maria tinha de ser mantida em reserva para qualquer contingência que pudesse surgir. Catarina, a mais nova, estava prometida ao príncipe de Gales. Infelizmente, tinha de ser Joana.

A filha puxou-lhe pela mão.

— Mãe, estou à espera que me digais se sou suficientemente bonita. Estais a levar bastante tempo a decidir.

— Oh, sim, sois suficientemente bonita, minha filha. — A rainha Isabel afagou-lhe a cabeça. Por um breve momento sentiu uma onda de culpa perante o sacrifício do mais belo e mais fraco dos seus cordeiros.